

Especialistas vêm tratamento com cautela

Cientistas acham que só o tempo provará a eficácia das novas combinações de remédios

VANCOUVER — Algumas vezes respeitáveis no mundo da pesquisa da Aids, como o francês Luc Montagnier e o americano Robert Gallo, que ganharam o Prêmio Nobel pela descoberta do vírus, expressaram cautela ao se referir aos novos tratamentos. "Só o tempo e estudos cuidadosos vão poder dizer se o sistema imunológico do indivíduo contaminado poderá ser total ou parcialmente restaurado", disse Montagnier.

Gallo comparou o coquetel antiviral à quimioterapia contra o câncer. "Muitos tumores resistem à quimio-

terapia", disse. "Além disso, uma parte dos pacientes não aguenta os efeitos tóxicos das drogas, que podem também causar sérias doenças secundárias."

As observações dos dois cientistas podem explicar por que nenhum pesquisador presente à conferência ousou falar em cura da Aids, mas em erradicação do vírus. Isoladas, as drogas anti-HIV obtêm efeitos limitados.

As mais comuns, chamadas inibidoras de transcriptase reversa, como o AZT, bloqueiam uma enzima do HIV, impedindo que ele se multiplique. As novas drogas atuam em

outra fase da produção do vírus. Em conjunto, o coquetel de drogas é uma bomba destinada a barrar qualquer possibilidade de o HIV se multiplicar nas células do sistema imunológico.

Quando os médicos contavam apenas com o AZT, o efeito durava em torno de um ano. Passado esse período, o vírus dava um jeito de se reproduzir sem a ajuda da enzima bloqueada.

Depois, surgiram outros medicamentos que, juntos, conseguem golpeá-lo com tanta força que, se supõe, o vírus não se recupera a ponto de tentar novas mutações. (M.S.J.F.)

NINGUÉM
OUSOU
FALAR EM
CURA